

## Sessão azul: Audiovisual e inclusão na educação básica



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-013>

### Luciane Benites Hersing

Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale/RS. Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Especialista em Informática para Educação Básica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Artes Visuais, Teatro e Yoga na Rede Municipal de Ensino de São Leopoldo/RS.

E-mail: [bhersing@gmail.com](mailto:bhersing@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8196-7421>

### Tatiana de Souza Mello

Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale/RS. Pedagoga pela Universidade FEEVALE/RS e Especialista pela CENSUPEG/RS. Professora no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP/SMED) da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS.

E-mail: [tatiana\\_smello@hotmail.com](mailto:tatiana_smello@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4666-6919>

### Débora Nice Ferrari Barbosa

Doutora e Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em Análise de Sistemas pela Universidade Católica de Pelotas. Pós-doutora pela University of Califórnia Irvine, EUA. Bolsista de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora - DT-1D CNPq. Professora e Pesquisadora no PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale.

### RESUMO

O artigo apresenta a descrição de uma prática de Sessão Azul realizada com uma turma de 1º ano de uma escola municipal de Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS. Uma

Sessão Azul se constitui em uma sessão de cinema com som mais baixo e com a luz acesa, onde é permitido movimentar-se, conversar e interagir, caracterizando-se como uma proposta de audiovisual adaptado para crianças com distúrbios sensoriais. A proposta, envolvendo todos os estudantes da turma, foi direcionada para os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) da turma e também contou com a participação de mais dois estudantes com autismo da mesma escola que frequentam a Faixa Etária IV e o 2º ano. O objetivo foi a realização de uma Sessão Azul na escola expondo três curtas-metragens para as crianças, adaptando a sala de acordo com as particularidades dos estudantes com TEA. Também o estímulo à reflexão, à catarse emocional e a elaboração de hipóteses de escrita pelos estudantes para as palavras relacionadas aos curtas assistidos, assim como a socialização entre os estudantes e realização de atividades coletivas como princípios da cidadania. O estudo está debruçado sob uma ótica qualitativa, de natureza aplicada com objetivo exploratório, a fim de coletar mais informações sobre o campo investigado, no caso aqui as percepções dos estudantes com TEA a partir da visualização dos audiovisuais e diferentes maneiras de expressividade. Foram realizadas as análises tendo como escopo teórico os estudos sobre Literacia Digital e Audiovisual a partir de uma perspectiva inclusiva. Como resultado, perceberam-se contribuições para o acolhimento às diferentes manifestações dos estudantes com TEA, o incentivo às expressividades e reflexões a partir da visualização de audiovisuais, ampliando o repertório das crianças.

**Palavras-chave:** Audiovisual, Inclusão, TEA.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o DSM - 5 (Manual Diagnóstico e Estatístico) publicado pela American Psychiatric Association (APA), o Transtorno do Espectro Autista - TEA é uma condição que afeta o desenvolvimento do cérebro e o comportamento das pessoas em uma tríade de sintomas: limitações/desafios na comunicação, dificuldades na interação social e comportamentos restritos e/ou



repetitivos. Esses sintomas mencionados são comumente manifestados no início da primeira infância, causando prejuízos ao longo do desenvolvimento desses indivíduos. Desde o início do século XX, estudos têm sido realizados com a finalidade de elucidar as causas do TEA, bem como, ações inclusivas e tratamentos eficazes vêm sendo desenvolvidos a fim de proporcionar qualidade de vida para as pessoas diagnosticadas com o transtorno.

Bernier, Dawson e Nigg (2021) alertam que os genes não agem isoladamente, interagindo com outros genes e com o ambiente, através das experiências maternas e paternas desde o período anterior à gravidez, durante a gestação e após o nascimento, ao longo do desenvolvimento. Deste modo, não é possível mais pensar em abordagens unificadas para os indivíduos com TEA, visto a complexidade e singularidade do transtorno, assim como, características que fazem de cada pessoa um ser único no mundo.

Visto que as crianças com TEA costumam apresentar limitações nas relações sociais, torna-se cada vez mais necessário pensar em ações dentro da escola que venham estimular as interações no grupo - a partir de propostas lúdicas e de fácil compreensão para todos, promovendo uma educação inclusiva honesta e generosa, além de abarcar a integralidade dos indivíduos. Pensando nisso, o audiovisual torna-se um recurso potente para instigar e acolher as diversidades dentro da escola, além de ser um elemento atrativo e propulsor de outras estratégias que possam contemplar os interesses das crianças com TEA.

Este estudo apresenta o relato de uma prática de ensino ancorada na Literacia Digital (Elicker e Barbosa, 2021) a partir da proposição e realização de uma Sessão Azul para estudantes de uma turma de 1º ano de uma escola de Educação Básica da Rede Municipal de Ensino da Região do Vale do Rio dos Sinos/RS. Nesta sessão, participaram três estudantes da referida instituição que apresentam TEA: um estudante do 1º ano, um estudante do 2º ano e um estudante da Faixa Etária 4 da Educação Infantil. Aqui, vamos nomeá-los de A1, A2 e A3, sendo que o estudante A1 compõe a turma de 1º ano e os estudantes A2 e A3 são de turmas distintas, 2º ano e FE4, respectivamente.

A Sessão Azul<sup>1</sup> é um projeto idealizado na cidade de São Paulo/SP por dois psicólogos e um gerente de projetos especializados na área do TEA. O projeto surgiu a partir da necessidade de oferecer opções de entretenimento para as famílias com crianças que têm o transtorno de uma maneira sensível e que pudessem sentir-se acolhidos em suas manifestações. Trata-se de uma sessão de cinema com filmes dublados, som mais baixo, temperatura ambiente mais amena e com a luz acesa, onde é permitido entrar e sair quando quiser, movimentar-se, conversar e interagir, caracterizando-se como uma proposta de audiovisual adaptado para crianças com distúrbios sensoriais, em companhia de suas famílias. O objetivo principal da Sessão Azul é ser uma extensão ao trabalho realizado em sala de aula,

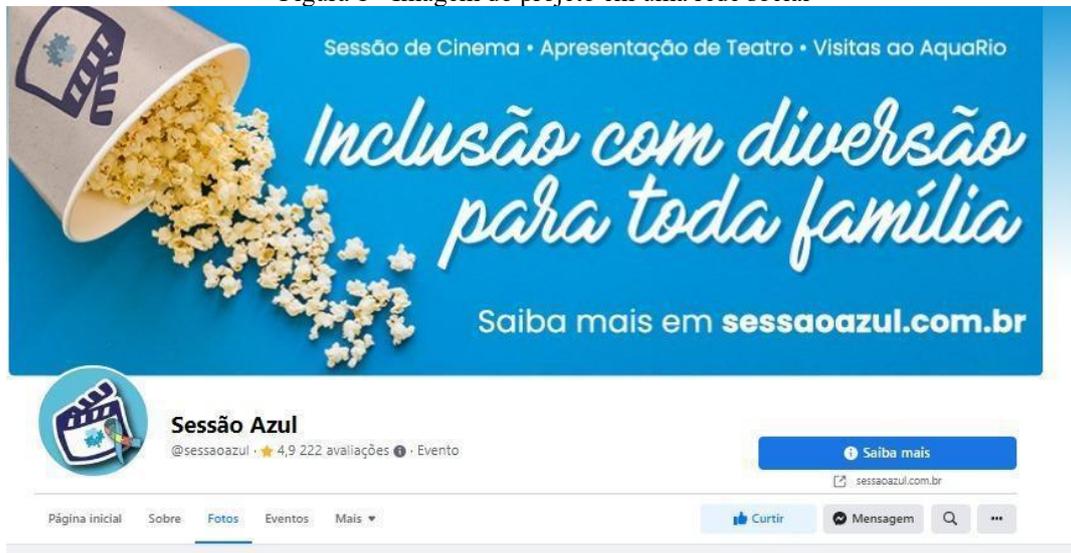
---

<sup>1</sup> <https://www.sessaoazul.com.br/>



assim como uma dinâmica terapêutica com a criança, qualificando a interação com os pais e demais colegas. A figura 1 representa o projeto Sessão Azul.

Figura 1 - Imagem do projeto em uma rede social



Fonte: Imagem retirada da internet

Atualmente, o projeto é realizado nas principais cidades e capitais do país, entre elas: Rio de Janeiro, Nova Iguaçu (Rio de Janeiro), São Paulo, Campinas, São José dos Campos (São Paulo), Curitiba e Foz do Iguaçu (Paraná), Belém (Pará) e Brasília (Distrito Federal). Em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), o projeto Sessão Azul ainda não foi efetivado de maneira sistemática, ocorrendo apenas em um cinema<sup>2</sup> da cidade como atividade alusiva ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo (Blue Day).

Além da introdução, na seção 2 é descrita a metodologia, na seção 3 encontra-se o desenvolvimento da prática realizada com os estudantes - mediante utilização da tela digital e audiovisuais. Na seção 4, análise da prática desenvolvida e resultados a partir das experiências relatadas. Por fim, na seção 5 são trazidas as considerações e reflexões sobre os benefícios da Sessão Azul na escola.

## 2 METODOLOGIA

O estudo está debruçado sob uma ótica qualitativa, de natureza aplicada com objetivo exploratório, a fim de coletar mais informações sobre o campo investigado - neste caso, as percepções dos estudantes com TEA quanto à visualização dos audiovisuais e diferentes maneiras de expressividade. As análises foram realizadas tendo como escopo teórico os estudos sobre Literacia Digital e Audiovisual a partir de uma perspectiva inclusiva. Segundo Prodanov (2013), em um estudo

<sup>2</sup> <https://iguatemi.com.br/praiadebelas/blog/blue-day>



exploratório, o planejamento segue uma linha mais flexível, na qual é possível estudar e aprofundar a temática sob ângulos diversos, moldando a trajetória da pesquisa e formulando as hipóteses.

A Sessão Azul foi idealizada e inspirada na prática de Literacia Digital, buscando oportunizar o contato com a linguagem audiovisual aqui representada pelas curtas de animação da Pixar, oportunizando um contato com a arte do cinema. O cinema é originário das experiências iniciais com o cinematógrafo no século XIX, primeiramente com o inventor francês Léon Bouly (1892), foi patenteado pelos irmãos Lumière (1895).

Em seus primórdios, o cinema permitia o registro de fotogramas que, ao serem exibidos em sequência, criavam uma ilusão de movimento. Este movimento de imagens paradas (fotografias) gerava um fenômeno chamado “persistência da visão”. Este fenômeno provoca uma ilusão no olho humano, pois o objeto visualizado permanece na retina por uma fração de segundo depois da sua absorção. Dessa forma, as imagens são associadas na retina sem sofrer interrupção, propiciando uma sensação de movimento contínuo.

O efeito da persistência da visão é percebido nos primeiros desenhos animados que foram produzidos para a televisão. Porém, com a evolução dos cinemas em 3D (proximidade e profundidade), 4D (movimento da cadeira) e 5D (aromas, temperatura, fumaça e iluminação), a qualidade das produções audiovisuais vem crescendo.

Na aprendizagem, a aplicação de atividades que envolvem imagem e som apresenta diversos aspectos que contribuem para o desenvolvimento cognitivo. O audiovisual tem sua inspiração baseada na reflexão, na apreciação e na catarse emocional, podendo ser associado a conteúdos explorados em sala de aula no cotidiano escolar, sendo assim, um recurso de alfabetização e letramento na Educação Básica. As práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção e escrita, devem ser desenvolvidas em diferentes formatos, como ressalta o Eixo Leitura da BNCC:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (BNCC, 2017, p.73).

O estudo se justifica pela importância de oportunizar o contato com a linguagem audiovisual, como mais um recurso potente para alfabetização e letramento, além da valorização e acolhimento das diversas formas de expressão, fomentando a inclusão dentro dos espaços escolares.



### 3 DESENVOLVIMENTO

As autoras, em parceria com a professora titular da turma de 1º ano, organizaram uma prática no contexto da Sessão Azul. Utilizou-se o laboratório de informática da escola, equipado com tela interativa conectada à internet. O laboratório foi organizado com tapete e almofadas, janelas com as cortinas abertas, metade das luzes do ambiente acesas proporcionando o ambiente da Sessão Azul: iluminação parcial e som baixo. Manteve-se espaço livre para a circulação dos estudantes durante a sessão.

Os filmes selecionados foram dois curtas de animação da Pixar: La Luna (2011) com duração de 7 minutos e Dia e Noite (2010) - 6 minutos, além do audiovisual “A menina das borboletas” de Roberto Caldas, com duração de 3:25, todos na figura 2.

Figura 2 - Imagens dos curtas utilizados para a Sessão Azul



Fonte: Google imagens

O primeiro curta, “La Luna” (2011), conta a história de um menino que começa a trabalhar com o pai e o avô e passa a conhecer o trabalho da sua família: cuidar e fazer a manutenção das faces da lua. O segundo curta, “Dia e Noite” (2010), traz dois personagens, um representando o Dia - e o



outro, a Noite. Eles se conhecem e descobrem suas diferenças, desde suas qualidades até suas necessidades, e com isso, a vida de ambos ganha uma nova perspectiva. O terceiro e último curta, “A menina das borboletas” (2013) apresenta sua narrativa com imagens de uma menina que tenta plantar uma flor e segue enfrentando algumas dificuldades para manter sua flor crescendo. Com persistência, um jardim é desenvolvido e conta sempre com a companhia das borboletas.

Os estudantes participaram da atividade no turno da tarde, antes do horário de intervalo e estavam acompanhados da professora titular e da estagiária (apoio à inclusão). A participação de estudantes somou 22 no total, incluindo os três estudantes diagnosticados com TEA - já mencionados anteriormente.

Para a sessão foram disponibilizados tapetes, almofadas e cadeiras, ficando a critério dos estudantes a sua acomodação, além da oferta de pipoca como lanche. Após a exibição dos curtas, planejou-se uma atividade com palavras impressas em cards (folhas de gramatura 3mm) relacionadas a cada uma das histórias. Para a finalização, foram elaboradas ações para sensibilizar os estudantes na organização e limpeza do espaço utilizado.

No planejamento da Sessão Azul, contava-se ainda com um quarto curta, chamado “Toca” (2021). No entanto, o mesmo não foi reproduzido devido a problemas técnicos nas configurações da tela interativa e do aplicativo Disney Plus.

Durante a realização da sessão, percebeu-se que os estudantes apreciaram a proposta, interagindo uns com os outros e realizando comentários pertinentes aos filmes, como mostra a figura 3. Nesta perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com o outro e com o meio em que vivem. A aprendizagem não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Figura 3 - Registro da Sessão Azul



Fonte: Imagens registradas pelas autoras



Dos três estudantes com autismo presentes, A2 e A3 conseguiram dedicar atenção e concentração nos filmes que estavam visualizando. O estudante A1 manteve-se tranquilo apenas no início da proposta, contando com o auxílio da apoiadora, mas, posteriormente, sentiu a necessidade de caminhar pela sala, ora verbalizando algumas palavras relacionadas com a sessão (“picoca”), ora emitindo sons e apontando para a tela ao mesmo tempo. Também manifestou expressões de incômodo, havendo a necessidade de acalmá-lo com movimentos giratórios da cadeira, de acordo com a figura 4.

Figura 4 - Estudante A1 sendo acalmado pela professora durante a Sessão Azul



Fonte: Imagens registradas pelas autoras

Após a apreciação dos curtas, as professoras orientaram os estudantes para a dinâmica posterior - utilizando palavras dos filmes. As crianças foram separando as palavras no círculo organizado conforme as temáticas dos curtas, selecionando quais faziam parte das histórias. Na sequência da atividade, cada estudante foi convidado a ler uma das palavras, contando com o auxílio das professoras de acordo com o processo de alfabetização de cada criança e também com a ajuda dos próprios colegas, que incentivavam com o som das sílabas e leitura das palavras, conforme a figura 5.

Figura 5 - Conversa com os estudantes e leitura das palavras pelos mesmos



Fonte: Imagens registradas pelas autoras



O estudante A2, ao ler a palavra SONHO, verbalizou as duas definições diferentes da palavra: “Tem o sonho de sonhar e o sonho de comer!”, sendo sua opinião acolhida pelos outros colegas e contextualizada às preferências alimentares do grupo. Enquanto isso, tanto A1 quanto A3 não participaram de maneira direta da proposta, mas permaneceram observando o grupo e manuseando algumas palavras expostas no tapete. Ao final da atividade, os estudantes foram orientados a auxiliar na organização do espaço recolhendo almofadas e resíduos de pipoca, sendo uma tarefa bem recebida por todos os estudantes participantes.

#### 4 ANÁLISE E RESULTADOS

Percebeu-se que, durante toda a dinâmica planejada, o grupo de estudantes vivenciou a experiência de maneira tranquila e interativa, sem importar-se com possíveis alterações de comportamento dos colegas com TEA. Também destacou-se a receptividade e iniciativa das crianças em ajudar os colegas que ainda demonstram insegurança no processo de alfabetização, como pode-se visualizar na figura 6.

Figura 6 - Estudantes ajudando a colega na leitura das palavras



Fonte: Imagens registradas pelas autoras

Estas são manifestações genuínas que exemplificam os benefícios proporcionados por práticas inclusivas, além da caminhada de cada criança em seu processo de aprendizagem. Para o estudante A3, a sessão foi uma oportunidade de estar com outras crianças diferentes de seu núcleo, contribuindo para sua socialização e percepção de que a escola que frequenta possui outros espaços e outras pessoas que também fazem parte deste meio. Para o estudante A2, a sessão proporcionou o compartilhamento de seus saberes, dividindo com os outros estudantes suas impressões das palavras que foram exploradas, além de contribuir para sua autoestima, pois já consegue realizar leituras de frases. Para o estudante A1, participar da sessão pode ter sido complexo em alguns momentos, mas suas fragilidades foram acolhidas pelo grupo, qualificando seu entendimento do espaço.



Segundo Orrú, “A inclusão faz conexão maior com as possibilidades de aprendizagem de todas as pessoas, levando-se em conta suas singularidades” (2017, p. 47). Assim, durante a Sessão Azul, todas as manifestações foram valorizadas, percebidas e acolhidas por todos, contribuindo para o fortalecimento das relações entre os pares e o senso de coletividade, sendo esta também uma das proposições da Literacia Digital.

A Literacia Digital pode e deve ser desenvolvida desde o início do processo de escolarização, mesmo antes que a criança saiba ler e escrever, para desenvolver habilidades e competências técnicas, uma vez que as tecnologias digitais estão inseridas em vários componentes das linguagens do cotidiano (Elicker e Barbosa. 2021, p. 47)

Desenvolver a Literacia Digital na Educação Básica, conforme Elicker e Barbosa (2020) proporciona o envolvimento do sujeito no processo de ensino e aprendizagem. As atividades propostas com exibição de filmes em formato de curta de animação na tela interativa, concretizam a ideia de uma aplicação envolvendo o letramento digital. As crianças se envolveram na proposta e refletiram sobre as mensagens que os curtas trouxeram. Este movimento é importante para que a criança possa aprender a interagir com o audiovisual de uma forma mais reflexiva, podendo ainda vir a se desenvolver cognitivamente.

Contudo, a proposta proporcionou um espaço de inclusão, onde todas as crianças, juntas, participaram de um momento descontraído, envolvendo aprendizagens, respeito, harmonia e construção de conhecimento. Para as crianças com TEA, a proposta trouxe a possibilidade de uma construção conjunta.

Todos esses elementos fazem parte de um processo de literacia digital, e a experiência mostrou que o desenvolvimento da literacia digital também perpassa pelo respeito às diferenças. De acordo com Mitchel Resnick (2010), é necessário oportunizar a fluência tecnológica, explorando nas escolas multiplicidades de textos, ideias e interações com a tecnologia. Estes são meios para contribuir de maneira significativa no desenvolvimento das crianças, inserindo-as de maneira qualificada e atuante na sociedade, visando à formação da cidadania.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Básica busca efetivar a inclusão com práticas educativas que contemplem a diversidade biopsicossocial dos estudantes através de ações colaborativas entre pares: professores, família e comunidade escolar. Ao incluirmos a criança e o adolescente com TEA, não busca-se a “cura” ou a adequação do estudante ao ambiente escolar e social. A inclusão proporciona à comunidade escolar rever, repensar e recriar estratégias para todos e em todos os espaços, trabalhando para promover práticas que acolham as habilidades e diferenças, auxiliando no aprimoramento, mas também desafiando e desacomodando a classe docente.



Reitera-se a importância da escola como um espaço para potencializar essa diversidade de estímulos em prol do desenvolvimento dos indivíduos com TEA. A disponibilidade de recursos, a sensibilidade perante as particularidades e o exercício da empatia são meios que nos aproximam de um caminho cada vez mais significativo para diminuir as distâncias e fortalecer a comunicação de pessoas diagnosticadas com o transtorno.

A Sessão Azul respeita e acolhe os estudantes com TEA e desafia os colegas e professores, ensinando que cada um tem suas necessidades e particularidades. Essa abordagem lúdica contribui na sensibilização e na importância do respeito e acolhimento das potencialidades de cada indivíduo, sem esperar um modelo ideal ao qual todos precisam estar encaixados, como pode ser acompanhado na prática descrita e na forma como os estudantes se mostraram solidários com os episódios de descompensação manifestados pelo colega autista. Estas são ações necessárias dentro das escolas para possibilitar o aumento do repertório e viabilizar uma vida mais autônoma e significativa para todas as crianças, além de fomentar o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Débora. ELICKER, Ana. Literacia Digital. Porto Alegre, CirKula, 2021.

BERNIER, Raphael A, DAWSON, Geraldine e NIGG, Joel T. O que a ciência nos diz sobre o Transtorno do Espectro Autista. Ed. Artmed, Porto Alegre/RS, 2021.

BNCC - Base Nacional Curricular Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em 20 de julho de 2022.

CALDAS, Roberto. A menina das borboletas. São Paulo: Paulus Editora; 1ª edição (1990).

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Ed. Vozes, Petrópolis/RJ, 2017.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESNICK, Mitchel. Jardim da Infância para toda a vida. 1ª edição. Porto Alegre: Penso, 2020.

SABADIN, Celso. A história do cinema para quem tem pressa: Dos Irmãos Lumière ao Século 21 em 200 Páginas! (Série Para quem Tem Pressa). Rio de Janeiro, Editora Valentina; 1ª edição (2018).

Sessão Azul disponível em: <https://www.sessaoazul.com.br/sobre> Acesso em 26/07/2022.

Curtas de animação Pixar/Disney:

Dia e Noite - disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZxFIN-yHES0&t=69s> Acesso em 19/07/2022.

La Luna - disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z73dtVAp53s> Acesso em 19/07/2022.

Curta de animação Canal Juliandra Alencar:

A menina das Borboletas - disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lfkkd0fk4Bs> Acesso em 19/07/2022.